

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Sumário

PREFÁCIO	17
Por que escrever este livro?	18
A propósito desta terceira edição	19
Agradecimentos	20
NOÇÕES PRELIMINARES	23
Língua, objeto de estudo da Linguística	24
Definição da noção de língua	24
Fala, atualização da língua	25
Língua e linguagem	27
De que são constituídas as línguas?	28
Léxico e gramática	28
Níveis de funcionamento das línguas	29
Dificuldade do estudo linguístico	29
Limites deste livro	30
Leituras complementares	31
Exercícios	32
SIGNO LINGUÍSTICO	33
Signo e Semiótica	33
Definição de signo	33
Ciência dos signos	34
Tipos de relações conteúdo-forma nos signos	36
Ícone: relação de analogia entre conteúdo e forma	36
Símbolo: ausência de relação evidente entre conteúdo e forma	37
Índice: relação de contiguidade entre conteúdo e forma	37
Caráter híbrido dos signos	39

Signo linguístico segundo Ferdinand de Saussure.....	40
Associação indissolúvel significado↔significante.....	40
Caráter arbitrário do signo linguístico.....	41
Caráter congelado do signo linguístico.....	41
Caráter evolutivo do signo linguístico.....	42
Caráter linear do signo linguístico.....	42
Conclusão sobre a natureza do signo linguístico.....	43
Tipos de signos linguísticos.....	43
Signo lexical e signo gramatical.....	43
Signo elementar e signo complexo.....	44
Combinatória restrita do signo linguístico.....	44
Leituras complementares.....	46
Exercícios.....	47

UNIDADE LEXICAL OU LEXIA..... 49

Palavra, forma de palavra e lexema.....	50
Problemas causados pelo emprego do termo <i>palavra</i>	50
Forma de palavra.....	51
Lexema.....	54
Locução.....	55
Natureza sintagmática da locução.....	55
Não composicionalidade semântica da locução.....	60
Fraseologia.....	62
Definição.....	62
Diversidade da fraseologia.....	63
Colocação: sintagma semifraseológico.....	65
Retorno à noção de lexia.....	67
Definição.....	67
Junção das lexias em vocábulos.....	68
Modo de descrição das lexias.....	70
Observação sobre o uso da terminologia.....	70
Leituras complementares.....	71
Exercícios.....	72

ELEMENTOS DE MORFOLOGIA	75
Constituintes das formas de palavra.....	76
Morfe: signo morfológico elementar.....	76
Morfema: conjunto de morfes.....	79
Radical e afixo.....	80
Mecanismos morfológicos.....	82
Flexão.....	82
Derivação morfológica.....	85
Composição.....	89
Regras gramaticais morfológicas.....	91
Natureza das regras gramaticais morfológicas.....	92
Formulação de uma regra gramatical morfológica.....	92
Observação sobre a invariabilidade.....	94
Leituras complementares.....	95
Exercícios.....	96
ESTRUTURA DO LÉXICO	99
Léxico e vocabulário.....	100
Léxico.....	100
Vocabulário.....	103
Variação linguística.....	104
Observação sobre a definição das noções científicas.....	108
Partes do discurso.....	109
Observação terminológica.....	109
Classes lexicais abertas.....	111
Classes lexicais fechadas.....	112
Palavras lexicais e palavras gramaticais.....	113
Natureza gramatical das partes do discurso.....	114
Relações entre lexias: a rede lexical da língua.....	116
Acesso aos dados linguísticos.....	117
Três métodos principais de acesso aos dados.....	118
Ferramentas de exploração dos <i>corpora</i> linguísticos.....	119

Fenômenos estatísticos	123
Pesquisas em Linguística Quantitativa	123
Curva do aumento do vocabulário de um <i>corpus</i>	124
Lei de Zipf	126
Leituras complementares	127
Exercícios	128

SENTIDO LINGUÍSTICO

Noções semânticas elementares	132
Sentido	132
Referente	136
Sentido lógico (ou valor de verdade)	138
Sentido e sua relação com o mundo	139
Classificação dos sentidos linguísticos	141
Sentidos lexicais e sentidos gramaticais	141
Predicados, nomes e quase predicados semânticos	142
Representação do sentido dos enunciados	147
Leituras complementares	152
Exercícios	154

RELAÇÕES LEXICAIS

Sentido lexical como conjunto estruturado de sentidos	158
Relações lexicais fundamentais	160
Hiperonímia e hiponímia	160
Sinonímia	162
Antonímia	164
Conversividade	165
Homonímia	167
Polissemia	168

Modelização formal das relações lexicais	170
Noção de função lexical	171
Funções lexicais paradigmáticas	172
Funções lexicais sintagmáticas	175
À guisa de transição...	182
Leituras complementares	184
Exercícios	186
ANÁLISE DO SENTIDO	189
Definição lexical: ferramenta de análise do sentido	190
Definição por gênero próximo e diferenças específicas	190
Aprender a definir	191
Método para esboçar definições analíticas	192
Problema dos círculos viciosos	197
Análise por campos semânticos	197
Observação sobre as noções de ambiguidade e de vagueza	199
Análise sêmica	203
Estrutura semântica dos vocábulos	205
Lexia de base dos vocábulos	206
Acepções metonímicas	206
Acepções metafóricas	209
Figuras de estilo livres e lexicalizadas	210
Polissemia regular	212
Leituras complementares	215
Exercícios	216
INTERFERÊNCIAS PRAGMÁTICAS	219
Pragmática	220
Definição da noção de pragmática	220
Natureza das trocas linguísticas	221
Teoria dos atos de fala	223

Codificações lexicais dos fatores pragmáticos.....	225
Verbos performativos.....	225
Lexias com conteúdo pressuposicional.....	227
Clichês linguísticos.....	231
Leituras complementares.....	234
Exercícios.....	235
LEXICOLOGIA DESCRITIVA	237
Ampliando o espectro da Lexicografia.....	238
O que é um dicionário?.....	239
Da infalibilidade dos dicionários.....	239
Dicionários para grande público e dicionários teóricos.....	240
Especificidade dos dicionários para grande público.....	241
Tipos de dicionários para grande público.....	241
Estrutura dos dicionários.....	244
Macroestrutura.....	244
Microestrutura.....	246
Medioestrutura.....	248
Descrição das características lexicais.....	249
Descrição do sentido nas definições lexicográficas.....	250
Descrição das relações paradigmáticas.....	251
Descrição da combinatória restrita das lexias.....	252
Rumo a uma Lexicografia das redes lexicais.....	254
Leituras complementares.....	256
Exercícios.....	257
E AGORA, O QUE FAZER?	259
BIBLIOGRAFIA	261
Textos de referência.....	261
Introduções à Lexicologia ou à Semântica.....	263
Dicionários citados.....	263

CORREÇÃO DOS EXERCÍCIOS	265
Exercícios do capítulo “Noções preliminares”.....	265
Exercícios do capítulo “Signo linguístico”.....	267
Exercícios do capítulo “Unidade lexical ou lexia”.....	271
Exercícios do capítulo “Elementos de morfologia”.....	276
Exercícios do capítulo “Estrutura do léxico”.....	282
Exercícios do capítulo “Sentido linguístico”.....	283
Exercícios do capítulo “Relações lexicais”.....	286
Exercícios do capítulo “Análise do sentido”.....	292
Exercícios do capítulo “Interferências pragmáticas”.....	296
Exercícios do capítulo “Lexicologia descritiva”.....	299
ÍNDICE DE NOÇÕES	303
ÍNDICE DE AUTORES	313
O AUTOR	315
A TRADUTORA	317

Prefácio

*Agora você vem me dizer
Que não se sente nostálgico
Então me dê outra palavra para isso
Você que é tão bom com palavras
E em deixar as coisas no ar*
Joan Baez, “Diamonds and Rust”.

Este livro é uma introdução ao estudo do léxico e da Semântica Lexical. Compõe-se de dez capítulos, que deveriam ser estudados na ordem numérica. De fato, cada capítulo introduz um conjunto de noções de base, das quais a maior parte é diretamente explorada na sequência do texto.

Entendemos por **noção** uma associação entre um **conceito** – isto é, uma unidade do pensamento – e um **termo** – isto é, uma unidade lexical pertinente a pelo menos um campo de conhecimento (científico, técnico etc.).

A noção é, portanto, um conceito lexicalizado, e toda disciplina científica – a Linguística não é exceção – se constrói em torno da elaboração de noções logicamente organizadas em sistema. A aquisição de uma disciplina passa pela aquisição de seu sistema nocional: os conceitos com os quais ela permite raciocinar com uma relativa precisão e a terminologia que corporifica esses conceitos. O rigor na assimilação e na utilização da associação conceito ↔ termo é a condição primeira para a construção de um saber científico, razão pela qual a noção é nossa matéria-prima, após a língua, é claro, que é nosso objeto de estudo.

Duas ferramentas permitem ao leitor navegar na rede nocional do livro:

1. imediatamente após a introdução de cada capítulo, encontra-se uma lista das noções examinadas (de acordo com sua ordem de abordagem no texto);
2. no fim do livro, há um índice alfabético muito detalhado (ver “Índice de noções”).

Os nomes das noções importantes figuram em *tipografia especial* quando são introduzidas pela primeira vez ou quando são objeto de observações particulares.¹

Certas partes do texto que devem ser lidas com especial atenção (definições, observações importantes etc.) aparecem impressas sobre fundo cinza.

Cada capítulo termina com uma lista de leituras complementares, que permitem consolidar as noções introduzidas, e com exercícios práticos, que se baseiam nessas noções. Encontram-se no fim do livro (“Correção dos exercícios”) correções para a maior parte dos exercícios. Note-se que os exercícios não têm como objetivo único testar a boa compreensão do respectivo capítulo. São também frequentemente utilizados para desenvolver a apresentação de certas noções relevantes. Inúmeras respostas propostas para os exercícios podem, portanto, ser consideradas parte integrante da apresentação das noções. Pareceu-nos que esta maneira de proceder permite não sobrecarregar a exposição, no corpo do livro, e, ao mesmo tempo, realçar a importância dos exercícios e de sua correção.

POR QUE ESCREVER ESTE LIVRO?

Existe um número considerável de textos introdutórios à Lexicologia e à Semântica. Alguns deles podem ser mais completos do que este livro, seja porque propõem uma perspectiva diferente sobre a questão, seja porque não abrangem exatamente o mesmo campo de estudo (dando mais importância à morfologia, à semântica da frase, à evolução da linguagem etc.).² Entretanto, apesar do número bastante expressivo de obras que abordam, no todo ou em parte, a Lexicologia e a Semântica Lexical, nenhuma delas propõe, em um nível elementar e relativamente independente de determinada teoria linguística, um verdadeiro sistema nocional em Lexicologia. Entendemos por este termo uma rede de noções coerente e logicamente organizada que permita compreender melhor a natureza do léxico. Tal rede

de noções deve, afinal de contas, servir ao leitor como ferramenta para trabalhar com e sobre o léxico: ensinar a língua, descrevê-la nos dicionários, estudá-la de acordo com uma perspectiva teórica... e amá-la ainda mais, se possível. Foi este o objetivo ambicioso a que nos propusemos ao escrever este livro.

Para tentar atingir esta meta, foi preciso enxugar ao máximo. Não se encontrará, portanto, aqui, com destaque, uma apresentação aprofundada da Morfologia. Em contrapartida, as noções morfológicas que são introduzidas desempenham um papel capital no sistema nocional geral. Evitamos também fazer deste livro uma apresentação de diversas abordagens teóricas deste campo de estudos, preferindo oferecer ao leitor uma exposição parcial, subjetiva, mas coerente, a partir da qual ele possa, mais tarde, iniciar-se no estudo de abordagens teóricas específicas.

Procedendo desta maneira, estamos bem conscientes de correr um certo risco. Como se presume que cada noção deva receber uma definição única, precisa e funcional, os eventuais erros lógicos (de fato, eles sempre existem) aparecerão claramente ao leitor atento. Mas isso é um risco grave somente para quem se julga infalível; por outro lado, é um benefício para quem não quer jamais parar de aprender, até mesmo e sobretudo ao ensinar. Esperamos, pois, receber de leitores comentários que nos propiciem melhorar o que hoje estamos propondo.

Uma observação se impõe, enfim, a propósito da língua de referência utilizada nos exemplos em francês. Pareceu-nos fundamental que estes fossem perfeitamente compreensíveis para qualquer locutor do francês, fosse ele quebequense, francês da França, belga, suíço etc. Evitamos, portanto, dar exemplos que não pertençam ao “núcleo duro” do francês compartilhado por todos os francófonos. É evidente que, como o livro foi amadurecido e escrito em Montreal, era normal que ele incluísse alguns empréstimos (comentados) do francês quebequense.*

A PROPÓSITO DESTA TERCEIRA EDIÇÃO

O presente volume corresponde à terceira edição de obra homônima publicada em 2003.

Inúmeras modificações foram feitas na edição original durante a preparação da edição seguinte, publicada em 2008, modificações essas que levam especialmente em conta a experiência que nos foi propiciada com a utilização do livro em nossos cursos de Linguística:

* N.T.: Na tradução deste livro, a maioria dos exemplos foram vertidos para o português, à exceção de alguns que não encontram correlato nessa língua. Nesses casos, optou-se por manter o exemplo na língua original e acrescentar-lhe tradução aproximada entre colchetes.

- aperfeiçoamento das definições de noções;
- ajuste da terminologia e acréscimo de noções relevantes;
- atualização da bibliografia;
- revisão dos exercícios e das respectivas correções, com o acréscimo de novos exercícios;
- inserção, quando apropriado, de exemplos tomados de outras línguas que não o francês;
- correção dos erros tipográficos e factuais.

Esta terceira edição, além de incluir o mesmo tipo de alterações, leva particularmente em conta a evolução gradual dos modelos de referência do léxico, da modelização textual dos dicionários à modelização multidimensional das redes lexicais. Essa evolução já estava em curso quando da publicação da segunda edição, mas sem que tivéssemos a certeza de que ela se fosse concretizar em um futuro muito próximo. Estamos convencidos de que a transição está agora bem delineada, e o tema da rede lexical da língua está onipresente em segundo plano nesta nova versão do livro.

Outra mudança importante nesta edição concerne à apresentação da fraseologia, que foi inteiramente reestruturada e complementada. Devemos admitir, já sem vergonha na cara, ter descoberto com estupefação que não havíamos elaborado de maneira explícita a noção de fraseologia dentro do sistema nocional das versões anteriores. Essa omissão parece-nos inexplicável, uma vez que a fraseologia está no cerne de noções fundamentais introduzidas na obra (signo linguístico, locução, colocação etc.) e no âmago da Lexicologia que praticamos.

AGRADECIMENTOS

Fazemos questão de agradecer do fundo do coração aos colegas e amigos que nos ajudaram na redação desta obra. Em primeiríssimo lugar, a Igor Mel'čuk e a Ophélie Tremblay, que leram e comentaram fartamente várias versões preliminares do manuscrito da edição de 2003. Também nos beneficiamos, para a primeira edição, das observações de Margarita Alonso Ramos, Lidija Iordanskaja, François Lareau, Suzanne Mantha e Jasmina Milićević. Esses leitores impiedosos polvilharam os manuscritos com comentários e pictogramas (especialmente os incontáveis ☹), ajudando-nos com isso a nos aproximar desta ou daquela verdade, a respeito da qual é preciso acreditar com todas as forças que ela existe.

Quando da preparação da segunda edição, levamos em conta numerosos comentários que nos foram encaminhados por colegas e estudantes, especialmente

pelos estudantes de nosso curso de introdução à Lexicologia ministrado na Universidade de Montreal. Modificações de monta foram feitas graças aos comentários de Sylvain Kahane e de Ophélie Tremblay. Além deles, Sara Anne Leblanc e Igor Mel'čuk realizaram uma releitura profunda da primeira edição, sugerindo-nos um número incalculável de melhorias; não é exagero dizer que a segunda edição foi elaborada em primeiro lugar com base em suas observações. Nossa dívida para com eles é imensa, assim como nossa gratidão.

A terceira edição³ muito lucrou com os resultados do trabalho sobre lexicografia das redes lexicais que pudemos desenvolver no laboratório Atilf CNRS de Nancy. Agradecemos particularmente a toda a equipe lexicográfica do projeto Relief (2010-2014): Delphine Beuseroy, Jean-Luc Benoit, Candice Delaite, Anaïs Ferté, Sébastien Haton, Élodie Jactel, Aurore Koehl, Veronika Lux-Pogodalla, Christelle Ménétrier-Lepreux, Sandrine Ollinger, Marie-Sophie Pausé, Sandrine Pescarini e Dorota Sikora. A exploração desta nova lexicografia e os avanços assim obtidos no domínio da modelização multidimensional do léxico teriam sido inviáveis sem o trabalho efetuado por Nabil Gader, que implementou aquele que é, quanto saibamos, o primeiro editor lexicográfico para a tecedura de redes lexicais.⁴

Preparamos esta terceira edição ao mesmo tempo em que era realizada sua tradução para a língua portuguesa por Sabrina Pereira de Abreu (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). As trocas que tivemos com nossa colega nesta ocasião foram de grande valia para a redação de nosso próprio manuscrito, pelo que fazemos questão de expressar-lhe todo o nosso reconhecimento.

Para terminar, agradecemos aos leitores da editora Presses de l'Université de Montréal pela análise meticulosa do manuscrito e pelas numerosas melhorias que eles nos permitiram efetuar. Mais globalmente, é à editora Presses de l'Université de Montréal em seu conjunto que desejamos agradecer por seu apoio sempre presente desde o início da concepção da presente obra até a preparação das suas sucessivas edições.

NOTAS

¹ O que dissemos até o presente visava, pois, em parte, introduzir a noção de *noção*.

² Ver, a esse respeito, a seção "Introdução à Lexicologia ou à Semântica" da bibliografia recapitulativa.

³ Realizamos a preparação tipográfica do manuscrito desta terceira edição da obra por meio do software livre para composição Latex. Os poucos desenhos que utilizamos são provenientes do site *Openclipart* (<https://openclipart.org/>) de imagens licenciadas por Creative Commons Zero 1.0 Public Domain.

⁴ Gader, Nabil; Lux-Pogodalla; Veronika; Polguère, Alain (2012). Hand-Crafting a Lexical Network With a Knowledge-Based Graph Editor. *Proceedings of the Third Workshop on Cognitive Aspects of the Lexicon (CogALex III)*. The Coling 2012 Organizing Committee, Mumbai, 2012, pp. 109-25.

Noções preliminares

Um dos comensais tirou para si as cartas esparsas, deixando vazia uma larga parte da mesa; mas não as reuniu em maço nem as embaralhou; tomou uma carta e colocou-a diante de si. Todos notamos a semelhança entre sua fisionomia e a figura da carta, e pareceu-nos compreender que ele queria dizer “eu” e que se dispunha a contar a sua história.

Italo Calvino, *O castelo dos destinos cruzados*
(trad. Ivo Barroso).

Este livro visa familiarizar o leitor com as noções básicas necessárias ao estudo do léxico e de sua utilização. As palavras estão no cerne do conhecimento linguístico, pois falar uma língua consiste, antes de mais nada, em combinar palavras no seio de frases tendo em vista comunicar-se. Seria, portanto, legítimo considerar a **Lexicologia**, disciplina que estuda os fenômenos lexicais, como o ramo mestre da Linguística.

A especificidade da Lexicologia irá precisar-se à medida que avançarmos neste livro. É necessário, no entanto, definir desde já certas noções de base sobre as quais se apoia a Lexicologia, noções essas que se situam todas no campo da disciplina-mãe que é a Linguística. Precisaremos, pois, inicialmente, o que é Linguística como ciência; ou seja, definiremos seu objeto de estudo: a língua.

Noções introduzidas: *Lexicologia; Linguística; língua (= código linguístico); Locutor; Destinatário; fala; oralidade; escrita; linguagem; léxico; gramática; semântica de uma língua e semântica enquanto disciplina; sintaxe; morfologia; fonologia; fonética; metalinguagem; metalíngua; estudo diacrônico vs. estudo sincrônico.*

LÍNGUA, OBJETO DE ESTUDO DA LINGUÍSTICA

Definição da noção de língua

Adotemos, para começar, uma definição aproximativa da noção de língua:

A *língua* é a nossa “ferramenta” de comunicação privilegiada. Cada língua constitui um sistema de signos convencionais e de regras de combinação desses signos, que formam um todo complexo e estruturado.

Esta definição de língua coloca em evidência dois pontos importantes. Em primeiro lugar, como pressupõe a expressão *ferramenta privilegiada*, a língua não é a única ferramenta de comunicação.

De fato, para nos expressarmos, para transmitir informação, empregamos inúmeros recursos além da língua. Vejam-se estes quatro exemplos:

1. gestos com a mão – agitar a mão para dizer adeus, colocar o dedo indicador diante da boca para pedir silêncio...;
2. expressões faciais, que são como que gestos feitos com o rosto – mostrar a língua, sorrir, fazer beicinho...;
3. gestos feitos com o conjunto do corpo – voltar as costas a alguém, cruzar os braços e baixar a cabeça para mostrar que se está aborrecido...;
4. gestos que requerem um contato físico com outra pessoa – apertar a mão, dar uma palmadinha no ombro, abraçar...

Ademais, estamos cercados de máquinas ou de objetos que foram construídos, programados e instalados em nosso ambiente cotidiano para nos transmitirem informação e, portanto, para fazerem de nós receptores de alguma forma de comunicação: guichês automáticos, painéis de sinalização, pisca-piscas, semáforos, relógios, campainhas etc.

Podemos também, por brincadeira ou por necessidade, forjar novos sistemas de comunicação, mais ou menos à maneira do fragmento citado como epígrafe deste capítulo.

A segunda característica relevante que a definição acima coloca em evidência é que uma língua é um *sistema* de signos¹ e de regras. Deve-se entender com isso que não se trata de um simples repertório de elementos indecomponíveis e autônomos que servem para comunicar. Os elementos constitutivos de cada língua estão interligados, eles são feitos para interagir e se combinar. É esta organização interna de uma língua que faz dela uma ferramenta de comunicação particularmente potente, capaz de produzir um número infinito de mensagens diferentes.

Se afirmamos que os signos e as regras linguísticas são convencionais, foi para evidenciar que eles funcionam como uma norma, um conjunto de leis que rege a maneira como nos comunicamos. Essas leis não são inatas. Precisamos aprendê-las, assimilá-las progressivamente. O fato de que não seja necessário ter recebido uma formação “escolar” para falar uma língua não deve fazer-nos esquecer que o domínio de uma língua é resultado de uma aprendizagem assídua, longa e difícil.

As duas características da noção de língua mencionadas em nossa definição estão, evidentemente, inter-relacionadas. Em que pese a grande variedade dos modos de comunicação a que recorremos, as línguas continuam sendo, graças a seu grande poder expressivo, nossas ferramentas privilegiadas para permutar informação, organizar nosso pensamento e, na verdade, existir enquanto seres humanos. Para nos convenceremos disso, basta lembrar as duas etapas do desenvolvimento de uma criança muito jovem impreterivelmente mencionadas por seus pais:

- o momento em que ela começou a caminhar – modo de deslocamento característico do ser humano;
- o momento em que ela começou a falar (e quais foram suas primeiras palavras) – modo de comunicação característico do ser humano.

Observemos, para finalizar, que as línguas não formam um sistema inerte, indefinidamente congelado no tempo. As línguas se formam, evoluem no tempo e “morrem”. Obviamente, elas não têm datas de nascimento e de óbito precisas, e sua evolução é extremamente gradual. Não deixa de ser verdade, porém, que ninguém falava francês há dois mil anos, e que o francês que se fala hoje, em Montreal ou em Paris, não é o mesmo que aquele que ali se falava há trezentos anos, e que é bem possível que ninguém mais fale francês neste mundo daqui a dois mil anos. Graças à sua natureza social e às ligações estreitas que ela mantém com a sociedade humana que a utiliza, cada língua está sujeita a evoluir, a se transformar e, eventualmente, a desaparecer, acompanhando, nesse sentido, a evolução das sociedades que as usam.

Fala, atualização da língua

Enquanto sistema de signos e de regras combinatórias desses signos, pode-se ver a língua como um conjunto de convenções sociais, da mesma forma que um código civil, por exemplo. Trata-se, portanto, de uma entidade “abstrata”.

Sem dúvida, nem todos estão acostumados a considerar a língua assim; por isso, convém ilustrar esta afirmação. Veja-se a seguinte frase:

(1) *Tu podes me passar o sal?*

Esta frase compõe-se de palavras portuguesas reunidas de acordo com certas regras gramaticais próprias do português. Ela é construída com base em um subconjunto reduzido do sistema da língua portuguesa, mas ela em si não é uma parte da língua: é apenas um exemplo, entre uma infinidade de outros exemplos possíveis, de atualização da língua portuguesa. Trata-se, por assim dizer, de um produto dessa língua.

Atente-se à expressão bem particular que acabamos de usar para introduzir (1): *Veja-se a seguinte frase...* Esta maneira de proceder, típica de uma obra de Linguística, pensando bem, tem algo um tanto estranho: ela apresenta um enunciado como se ele saísse de lugar nenhum; ela pressupõe que seremos capazes de discutir um enunciado isolando-o totalmente da situação na qual ele pode ter sido produzido. Ora, para que (1) “seja”, é preciso considerar pelo menos dois indivíduos. Um primeiro, chamado de *Locutor*, quis comunicar uma mensagem a um segundo, o *Destinatário*.² Para tanto, o Locutor utilizou um subconjunto dos signos e das regras da língua, subconjunto que lhe permitiu realizar linguisticamente a mensagem que queria comunicar, sob a forma do enunciado (1).

Sabemos, portanto, que os signos e as regras linguísticas existem pelo fato de se atualizarem em comportamentos particulares e ensejam “eventos linguísticos” nos quais um Locutor comunica uma informação a um Destinatário. A atualização da língua não é a língua em si; é preciso, portanto, dispor de um termo particular para designá-la: trata-se da fala.

A língua encontra sua atualização na *fala*, isto é, em instâncias de trocas linguageiras entre pelo menos dois indivíduos: o *Locutor* e o *Destinatário*.

A utilização de termos como *fala* e *Locutor* não implica que a Linguística se interessa somente pela língua falada, o *oral*, e ignora a língua escrita, o *escrito*. Esta terminologia reflete simplesmente o fato de que a língua é, por natureza, acima de tudo, oral, sendo o escrito originalmente uma transcrição mais ou menos fiel (de acordo com as línguas e sistemas de escrita) da cadeia linguística falada. Denomina-se *fala* a atualização da língua, porque o oral é a forma primeira de atualização da língua. Mas sabe-se muito bem que não nos expressamos da mesma forma no escrito e no oral, que as escolhas lexicais e gramaticais podem variar consideravelmente segundo o modo de comunicação utilizado, e que, por consequência, a Linguística deve levar em conta tanto a língua falada quanto a língua escrita. Isso passa a ser ainda mais necessário, uma vez que o código escrito adquiriu crescente importância ao longo dos séculos. Primeiro, houve a invenção e a universalização da imprensa, que, de alguma forma, industrializou a difusão dos textos. Depois, bem mais recentemente,

mas com consequências igualmente significativas, o surgimento dos computadores, do processamento de textos e da internet, que fez crescer de maneira exponencial a produção e a difusão linguística escrita. Esta nova forma de manipulação física da língua deu origem, além disso, a um fenômeno de hibridação dos códigos. Na verdade, a fronteira entre oral e escrito torna-se quase indiscernível em certos contextos de utilização da língua, como o do e-mail (ver exercício 3, no final do capítulo).

Língua e linguagem

Por que falamos? Por que nos comunicamos através de línguas?

As línguas que dominamos, aprendemo-las e pudemos aprendê-las por várias razões:

1. elas são ferramentas de comunicação que a vida em sociedade nos *impõe* adquirir;
2. elas são sistemas de signos e de regras combinatórias desses signos que nosso cérebro tem a capacidade de memorizar e de manipular;
3. elas se manifestam fisicamente através de sons que a nossa constituição fisiológica nos permite produzir (aparelho fonador) e perceber (aparelho auditivo).

Denominamos de **linguagem** a faculdade humana de comunicar ideias por meio da língua.

A faculdade da linguagem está, portanto, intimamente relacionada a aspectos sociológicos, psicológicos, fisiológicos e até mesmo físicos da utilização da língua pelos seres humanos.

É preciso lembrar que existem inúmeras línguas, algo em torno de 6 mil (francês, português, inglês, árabe, espanhol, alemão, russo, suaíli, mandarim, japonês etc.); mas nós trataremos da linguagem como uma faculdade geral que os seres humanos possuem: a faculdade de aprender e de utilizar línguas dadas.

Para resumir, a noção de língua – ou seja, o **código linguístico** em si mesmo – nos leva a considerar duas noções:

- a fala – a atualização das línguas em atos de comunicação que implicam um Locutor e um Destinatário;
- a linguagem – a capacidade de aprender e de utilizar as línguas.

Podemos, por conseguinte, ampliar mais ou menos o objeto de estudo da Linguística, conforme a limitemos à língua ou estendamos suas ramificações ao

estudo da fala (estudo dos atos de comunicação e da interação entre a língua e os demais meios de comunicação) ou à faculdade da linguagem.

No entanto, embora se possa restringir voluntariamente a tarefa da Linguística ao estudo da língua, e unicamente da língua, é preciso ter em mente que isso não é factível sem que se observe e se analise sua atualização na fala. Desse ponto de vista, podem-se considerar dois procedimentos no estudo linguístico:

1. do particular ao geral, quando se observam fatos específicos de fala para deles inferir regras linguísticas gerais;
2. do geral ao particular, quando se utiliza o conhecimento de regras linguísticas gerais para analisar fatos de fala específicos.

No primeiro caso, trata-se quer de uma Linguística descritiva, que se dedica à modelização de línguas dadas, quer de uma Linguística teórica, que se dedica à atualização de conceitos linguísticos universais (válidos para todas as línguas). No segundo caso, trata-se de uma Linguística “aplicada” – ao ensino, à aprendizagem, ao tratamento de distúrbios de linguagem, à análise de textos etc.

Ao distinguir, como o fizemos, língua, fala e linguagem, empregamos a terminologia proposta pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure. Saussure foi, no início do século xx, um dos grandes pioneiros do estabelecimento da Linguística como ciência. Convém observar que a abordagem lexicológica que subjaz a este livro descende em linha direta da visão saussuriana do estudo linguístico.

DE QUE SÃO CONSTITUÍDAS AS LÍNGUAS?

Léxico e gramática

Dissemos anteriormente que as línguas são compostas de signos e de regras que permitem combinar esses signos. Mesmo que seja uma simplificação grosseira, vamos admitir, por enquanto, que os signos que compõem a língua são, em sua esmagadora maioria, as palavras da língua e chamaremos, provisoriamente, de *léxico* de uma dada língua o conjunto das palavras dessa língua.

As regras gerais que permitem combinar as palavras ou, mais globalmente, os signos da língua para formar frases constituem a *gramática* da língua.

Cada língua é, pois, antes de mais nada, constituída por um léxico e por uma gramática. Aprender uma língua consiste em assimilar esses dois conjuntos de conhecimentos e em desenvolver os automatismos que possibilitam utilizá-los espontaneamente.

Níveis de funcionamento das línguas

Reconhecem-se habitualmente pelo menos quatro níveis principais de funcionamento em todas as línguas:

1. a **semântica** concerne aos sentidos e à sua organização no seio das mensagens que se podem formular em uma língua;
2. a **sintaxe** concerne à estrutura das frases;
3. a **morfologia** concerne à estrutura das palavras;
4. a **fonologia** e a **fonética** concernem aos elementos sonoros que são a própria forma dos enunciados.

A cada um desses níveis de funcionamento corresponde um ramo da Linguística, que se dedica mais particularmente ao estudo e à descrição do respectivo nível. Assim, atendo-nos ao primeiro nível de funcionamento, temos que distinguir dois tipos de semânticas.

1. A **semântica de uma dada língua** (semântica do português, do francês, do inglês...) é, *grosso modo*, o conjunto de sentidos exprimíveis nesta língua, bem como o conjunto das regras de expressão e de combinação desses sentidos. Este é um dos níveis de funcionamento, um dos componentes estruturais da língua.
2. A **semântica enquanto disciplina**, ou estudo semântico, é o estudo científico da Semântica (no sentido 1) das línguas.

Aqui, introduziremos, pois, o que constitui o estudo semântico (isto é, a semântica no sentido 2) tomando de empréstimo a maior parte de nossos exemplos à Semântica (no sentido 1) do português, do francês, do inglês etc. Como veremos à medida que avançarmos nos capítulos do livro, o conjunto dos sentidos veiculados por uma dada língua corresponde em grande parte ao conjunto de palavras dessa língua. Existe, portanto, uma relação privilegiada entre o estudo da semântica das línguas e o estudo de seu léxico: a Lexicologia. É por essa razão que este livro apresenta simultaneamente as noções fundamentais desses dois ramos da Linguística.

DIFICULDADE DO ESTUDO LINGUÍSTICO

Qualquer leitor deste livro pode legitimamente pensar que sabe o que são os conhecimentos linguísticos, uma vez que fala, escreve e lê pelo menos uma língua: o português. No entanto, o fato de dominar um corpo de conhecimentos não implica de modo algum que se tenha compreendido conscientemente como esse conjunto

de conhecimentos é organizado e como ele funciona. Certas tarefas, tais como o ensino da língua, a tradução, a redação e a correção de documentos, requerem que se seja capaz não só de falar uma ou mais línguas, mas também de pensar sobre elas. É isso que dá à Linguística, como ciência que se dedica ao estudo das línguas, seu interesse maior e sua razão de ser.

O estudo linguístico é uma atividade científica particularmente delicada, pois não há outra maneira de descrever as línguas e de falar sobre elas a não ser recorrendo a uma dada língua. Estamos, assim, expostos a uma perigosa circularidade: servimo-nos de nosso objeto de estudo para falar sobre ele.

Quando uma língua L_1 serve para descrever um sistema significativo diferente dessa língua, isto é, um sistema não linguageiro ou uma outra língua, o objeto estudado e o instrumento de estudo são diferentes, e não há dificuldade nenhuma para se distinguir um do outro. Mas, quando uma língua se descreve a si mesma, a identidade parcial entre o objeto estudado e o instrumento de estudo cria uma situação única. (Rey-Debove, 1997: 1-2)

É necessário, portanto, na Linguística, mais do que em qualquer outra ciência, dotar-se de uma terminologia e de convenções de escrita muito bem definidas e utilizá-las de uma maneira rigorosa que permita assinalar os contextos em que a língua se descreve a si mesma, ou seja, em que ela se torna o que se denomina uma *metalinguagem*.

Em uma dada ciência, a *metalinguagem* é um código, um sistema de representação, que serve para modelizar o objeto de estudo da ciência em questão. A *metalíngua* é, na Linguística, um caso particular de metalinguagem: trata-se da língua que serve de ferramenta para sua própria descrição. As definições lexicais (ver capítulo “Análise do sentido”) são uma ilustração bem conhecida do uso da língua como metalinguagem. Na realidade, uma definição de dicionário (monolíngue) descreve o sentido de uma palavra de uma dada língua por meio de uma expressão pertencente a esta mesma língua.

Voltaremos à terminologia e às convenções de escrita na Linguística no capítulo “Unidade lexical ou lexia” (na seção “Observação sobre o uso da terminologia”).

LIMITES DESTE LIVRO

Não pretendemos cobrir aqui de maneira exaustiva os campos da Lexicologia e da Semântica Lexical, por pelo menos duas razões.

Em primeiro lugar, este livro se inscreve no âmbito de uma Linguística que se limita ao estudo da língua, em oposição a uma Linguística da linguagem em geral. Daremos, portanto, destaque ao código linguístico em si, tratando apenas marginalmente dos parâmetros de sua aprendizagem e de sua utilização.

Em segundo lugar, como mencionamos antes, a língua está em constante transformação; ela evolui no tempo. Pode-se, pois, estudá-la de duas maneiras:

- no contexto de sua evolução – *estudo diacrônico*;
- em um dado momento de sua evolução; por exemplo, tal como ela é usada atualmente – *estudo sincrônico*.

Neste livro, situamo-nos no âmbito de um estudo sincrônico da língua. Assim, nossos exemplos serão emprestados do português, do francês, do inglês etc. contemporâneos, e trataremos bem pouco dos problemas ligados à evolução do léxico dessas línguas (surgimento ou desaparecimento de palavras e evolução dos sentidos expressos pelas palavras).

LEITURAS COMPLEMENTARES

As leituras sugeridas no fim de cada capítulo são apresentadas em uma ordem que corresponde à da introdução das respectivas noções no corpo do texto.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1. ed. 1916].

O *Curso de linguística geral* de F. de Saussure é uma das obras fundadoras da Linguística moderna. Ela é, em certos aspectos, um tanto datada, mas continua sendo um texto de referência incontornável.

REY-DEBOVE, Josette. À la recherche de la distinction oral/écrit. In: _____. *La linguistique du signe: une approche sémiotique du langage*. Paris: Armand Colin, 1998, pp. 10-9. (U. Linguistique)

Este texto é particularmente interessante para nós, porque apresenta uma reflexão sobre a distinção entre língua oral e língua escrita de um ponto de vista lexicológico. J. Rey-Debove foi destacadamente codiretora da equipe de redação do dicionário *Le Petit Robert*.

HAGÈGE, Claude. Écriture et oralité. In: _____. *L'homme de paroles: contribution linguistique aux sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1985, pp. 89-125. (Folio/Essais, 49)

Este texto vem completar o anterior. O autor examina a relação entre escrita e oralidade em uma perspectiva histórica.

EXERCÍCIOS

Propomos somente três exercícios de “aquecimento” neste primeiro capítulo. O trabalho sobre os dados linguísticos passará a ter mais e mais importância à medida que avançarmos, e a seção “Exercícios” dos capítulos seguintes será, conseqüentemente, bem mais rica.

▪ EXERCÍCIO 1

Retorne aos exemplos de comunicações não linguísticas apresentadas neste capítulo (seção “Língua, objeto de estudo da Linguística”). Por que não mencionamos em nossa enumeração gestos do tipo reflexo, como o de retirar reflexamente a mão quando se toca em algo muito quente?

▪ EXERCÍCIO 2

Identifique no enunciado *Podes me passar o sal?* os elementos linguísticos que designam explicitamente o Locutor e o Destinatário.

▪ EXERCÍCIO 3

Releia as observações que foram feitas anteriormente sobre a distinção entre língua falada e língua escrita, especialmente a propósito dos fenômenos de hibridização dos códigos. Identifique no e-mail que segue vestígios de “contaminação” da língua escrita pela língua falada. Será realmente possível dizer com certeza que este texto se enquadra num ou noutro código?

Para: machin@umontreal.ca

De: truc@pacific.net.sg

Assunto: Re: Não sou avaro em palavras

> Tudo recebido. Vamos começar.

> Chego a Paris em 1º de maio, e é uma quarta-feira: Janine deve ter-se enganado.

>M.

Sim. Deve ser a impaciência em te ver :-)

T.

NOTAS

¹ Seria correto dizer, *grosso modo*, que se trata das palavras da língua. A noção de signo linguístico é, porém, muito complexa, e é por isso que o capítulo “Signo linguístico” lhe é inteiramente dedicado.

² Escrevemos *Locutor* e *Destinatário* sempre com iniciais maiúsculas quando se trata de designar os dois participantes teóricos da situação de comunicação linguística. Em contrapartida, grafamos sem maiúscula *locutor de uma língua* – indivíduo que conhece e utiliza essa língua.